

A evolução científica e a Revista Brasileira de Hipertensão

EDUARDO MOACIR KRIEGER

Diretor da Unidade de Hipertensão do InCor—SP

Presidente da Academia Brasileira de Ciências

No início do século 19, estima-se que a população do nosso planeta era de 900 milhões de habitantes e a expectativa de vida não ultrapassava os 40 anos. Passados 200 anos, temos quase 6 bilhões de habitantes, com expectativa de vida de 60 a 70 anos, que, em alguns países, já está chegando próximo dos 80 anos. Imagina-se que, uma vez controladas as doenças cardiovasculares, o diabetes, as neoplasias e outras, o que não é impossível de ocorrer daqui a alguns anos, chegaremos a uma expectativa de vida de 100 a 120 anos, que é aquela estimada como a duração natural da vida do homem, com seu material genético atual que preside e organiza suas funções, inclusive programando a morte celular. A que se deveu esse enorme avanço? Seguramente foi obtido pelo progresso científico que adveio do uso do método científico e da experimentação, que só ocorreu de maneira sistemática depois da revolução científica liderada por Galileu, Copérnico, Newton, Descartes, Bacon e outros homens da Renascença, há cerca de trezentos anos. Coincidentemente com a crescente velocidade com que o conhecimento avança através de novas descobertas, a característica de nossos dias é a pronta aplicação do conhecimento em inovações tecnológicas, que revolucionam os diferentes setores: a potência dos computadores, a maravilha da telecomunicação, a exploração do universo, as novas fontes de energia, os alimentos transgênicos e todo o impacto que a biologia molecular e a engenharia genética vêm trazendo para a ciência da vida e da saúde, inclusive criando problemas novos na bioética sobre o quanto podemos manipular e modificar os seres vivos. Nesse cenário, o desafio para o preparo dos profissionais na Universidade é enorme, e o que hoje se conhece em Medicina, na fisiopatogenia das enfermidades, nos recursos de diagnóstico e, especialmente, no arsenal terapêutico disponível, possivelmente estará superado em dez anos. É indispensável, portanto, mais do que dar aos alunos de Medicina informações é dar-lhes sólida formação nas bases científicas da Medicina para prepará-los a acompanhar e absorver os futuros conhecimentos, as novas tecnologias que serão desenvolvidas e os novos procedimentos terapêuticos. Quem responderá pela atualização dos médicos e pela sua educação continuada? Certamente, essa é uma tarefa inerente às responsabilidades das faculdades de Medicina e dos hospitais universitários. O fato de a educação superior ser conside-

rada um processo continuado, que não se completa com a graduação, foi exaustivamente acentuado na Conferência Internacional sobre Educação Superior da UNESCO, realizada em outubro de 1998, em Paris. Mas não só à universidade compete responder pela reciclagem do conhecimento médico. Cabe, igualmente, aos diferentes setores profissionais, que se organizam em especialidades, zelar para que o conhecimento atualizado chegue de forma pronta e correta aos integrantes da corporação. Vi, portanto, com entusiasmo quando os colegas do Departamento de Hipertensão da Sociedade Brasileira de Cardiologia resolveram criar a Revista Brasileira de Hipertensão — HiperAtivo, para difundir os conhecimentos de hipertensão. Concordo, plenamente, com as abalizadas ponderações do Prof. Luiz V. Décourt em sua “Opinião Especial” (vol. 5, nº 1, Janeiro/Março de 1998), quando se insurge contra ser a Revista considerada apenas um “Órgão de Divulgação”, quando “... representa muito mais, em suas tarefas de esclarecer, de orientar e de formar. É Órgão de Ensino revestido de todas as fecundas características que definem esse instrumento”. Temos, portanto, de valorizar a Revista na sua tarefa educativa, para o que ela deve sempre mobilizar as pessoas mais qualificadas, as mais competentes e capazes de fazer uma avaliação crítica dos avanços em epidemiologia, fisiopatogenia, métodos de diagnóstico, prevenção, terapêutica e tantos outros aspectos da hipertensão. Não só da hipertensão, mas também de outras áreas do conhecimento médico indispensáveis para quem trata da hipertensão. É tarefa absorvente e relevante que exige dedicação, planejamento e reavaliações freqüentes dos editores e do corpo editorial sobre o que publicar. Não creio ser recomendável, no momento atual, que, além desses objetivos educacionais, se acrescente aquele de publicar artigos originais, entrando na área da geração de conhecimento propriamente dito. A produção brasileira no campo da hipertensão já é uma realidade, mas ainda sem a densidade suficiente para alimentar, com qualidade, uma revista especializada. Melhor que as revistas existentes, como os Arquivos Brasileiros de Cardiologia e o “Brazilian Journal of Medical and Biological Research”, que ainda carecem de um número maior de artigos originais, se encarreguem desse setor. Não dispersar esforços e sim concentrar tarefas é o aconselhável no estágio atual da ciência no país.